

CEDI

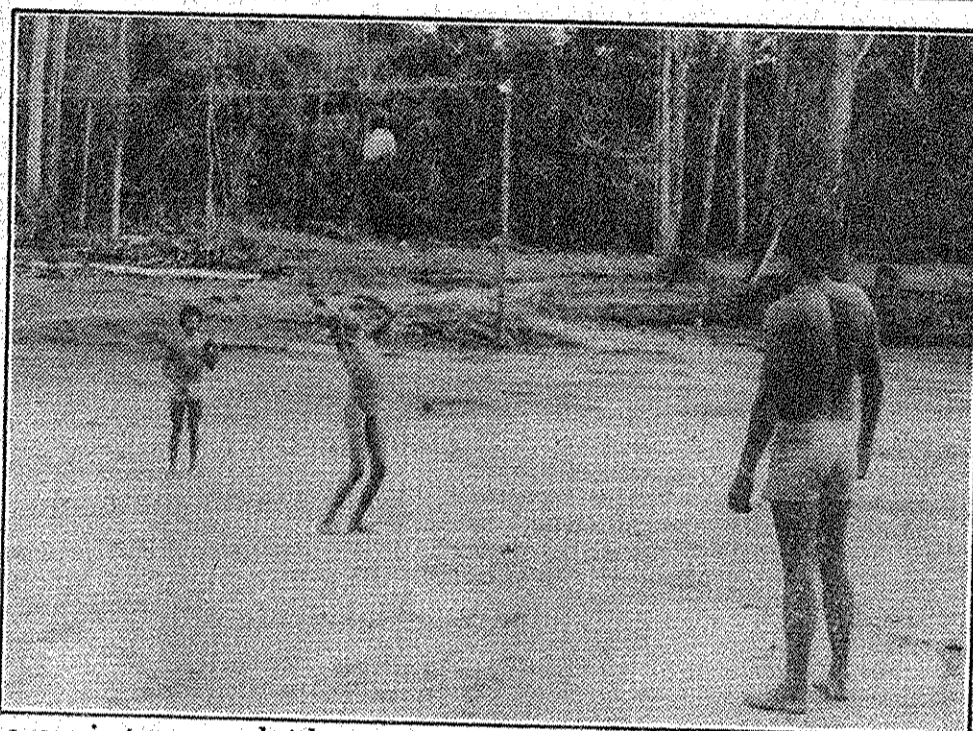
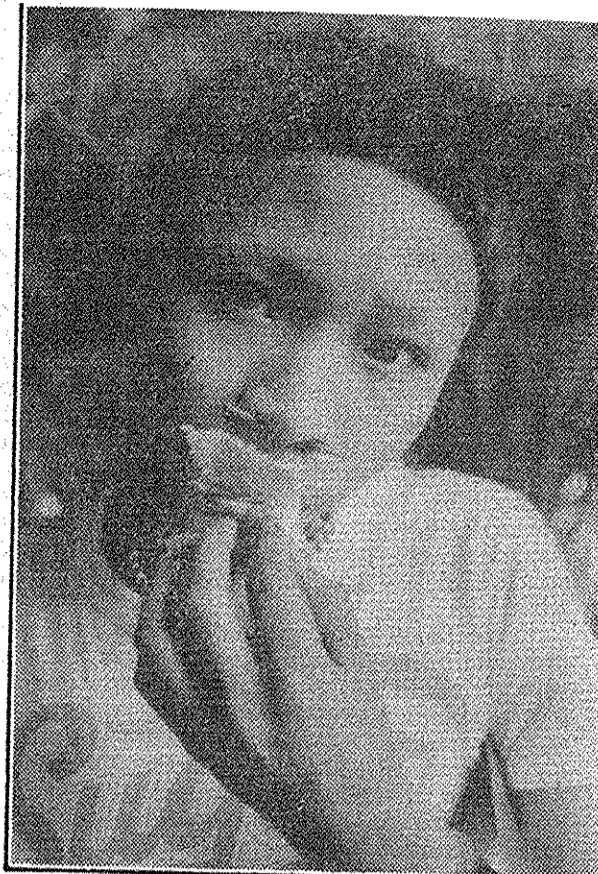
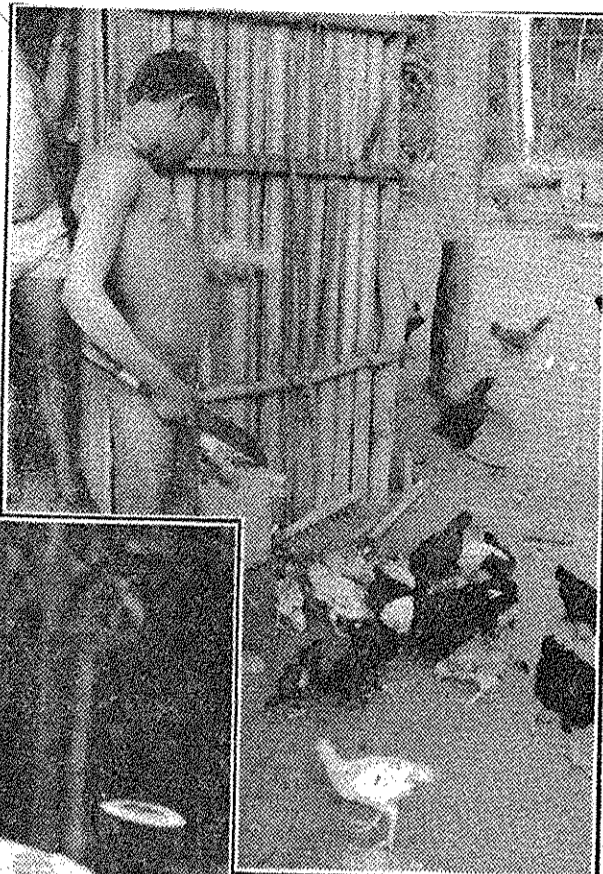
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil Class.: ARR00065

Data: 04.03.81 Pg.: _____

OS TEMÍVEIS E JÁ CONHECIDOS ARARAS

Fotos de Bitá Carneiro



Araras com suas tabocas, presentes ao homem branco. Quase tudo para eles tinha sabor de novidade: a camiseta, o sanduíche, a bola de futebol, ou mesmo as galinhas

A TÉ bem pouco, Uaktó, um menino de seus 12 anos, cabelo negro cortado a faca, um pedaço de osso atravessado de narina a narina, o corpo nu, enfeitado apenas por colares feitos de pedras redondas colhidas na selva amazônica, jamais chegara perto de um homem branco. Nem ele nem os de sua tribo. Hoje, Uaktó já come bala e outros doces refinados, tenta tocar flauta de bambu, veste camiseta onde se lê no peito a palavra sugar e até, satisfeito da vida, chuta uma bola de futebol.

Antes Uaktó e seus companheiros de tribo eram os "animais bravos", viviam às margens do Iriri e do Kingu e enfrentavam com suas flechas — e sobretudo com sua coragem — os seringueiros, extratores de riqueza, posseiros e gateiros, ou caçadores de onça, que invadiam o seu mundo na selva. Mataram muitos brancos e, nas mãos dos brancos, morreram muitos.

Hoje, eles são apenas os araras, povo indígena que, após 11 anos de tentativas, o homem civilizado começa a descobrir. O recente encontro de uma equipe de aproximação da Funai com cinco falantes e sorridentes araras (quatro adultos e o menino Uaktó), no Pará, pode ser o princípio do fim de uma hostilidade que data do século passado.

Os araras sempre reagiram, até a morte, à aproximação do homem branco. Uma aproximação invariavelmente feita em tom de ameaça à sua gente e às suas terras. Na última década, com a construção da Transamazônica — colonos e posseiros se aproveitando dela para se instalarem, sem qualquer amparo legal, nas roças que até então eram habitadas pelos araras — as lutas entre índios e brancos se intensificaram:

— Quando cheguei aqui — conta um posseiro de nome Honório, paraibano e ex-lavrador no Paraná, hoje colono no Quilômetro 80 da Transamazônica — só fiz aproveitar esse punhado de roça e assentar. Todo esse mamão, banana, mandioca, era dos índios que tinham fugido daqui.

Assim, a selva Amazônica, antes terra sem limites que os índios habitavam, passou a ser, cada vez mais, domínio do homem branco. Conflitos se sucederam. E não apenas entre índios e posseiros. Em 1971, a Funai criou ali a primeira Frente de Atração, na altura do Quilômetro 75. Mesmo a essa tentativa os índios reagiram, atacando-a diversas vezes, numa delas ferindo seis funcionários da Funai. Inúmeras outras tentativas foram empreendidas, inclusive por sertanistas como os irmãos Villas Boas e Chico Meirelles. Nenhuma delas obteve êxito.

Calcula-se que a própria Transamazônica passe hoje a menos de um quilômetro de onde outrora havia uma aldeia arara. Em 1974, quase 400 mil hectares de território indígena, ao Sul da Transamazônica, foram vendidos a uma empresa gaúcha de agropecuária, a Cotrijui, depois que a Funai informou não haver índios no local. Teriam sido os próprios funcionários da Frente de Atração, levados por interesses escusos, os responsáveis pela informação que acabou permitindo a abertura de um vicinal, no Quilômetro 120, até as proximidades do rio Iriri, portanto em território indígena. Mais uma ameaça à sobrevivência dos araras e, em consequência, origem de novos conflitos.

Desativada sucessivas vezes, a Frente de Atração foi reorganizada no ano passado, depois que alguns sertanistas sofreram novo ataque e foram gravemente feridos. Sidney Possuelo, também sertanista e assistente da superintendência da Funai,

auxiliado pelo técnico indigenista Wellington Figueiredo, traçou novas táticas de aproximação dos araras.

Uma das primeiras medidas foi o pedido de interdição da faixa de 80 quilômetros ao longo da Transamazônica, entre os Quilômetros 80 e 160, indo até as margens do Iriri, área tradicionalmente habitada pelos índios. Exatamente no fim do trecho, no travessão 120, foi instalado um posto de vigilância do qual 12 homens se incumbiam de impedir novas penetrações. Posseiros, grileiros, madeiros, gateiros e outros caçadores foram removidos do local. Eram medidas indispensáveis ao trabalho de aproximação, todo ele baseado na conquista da confiança dos índios.

Outro posto foi aberto, entre os Quilômetros 60 e 80, este denominado Frente Arara. Não muito tempo depois, esses postos começaram a receber visitas noturnas dos índios que batiam a corda do arco e jogavam coco de babaçu, numa forma de manifestar seu desagrado à presença dos brancos em suas terras. Mas ali, por sua vez, os integrantes da Frente armavam tapiris (abrigo de pau e palha, dentro do qual eram colocados farinhas, redes, panelas, machados, facão, algodão, tesoura e toda sorte de brinde), ao que os índios respondiam com cipós amarrados, obstruindo o caminho mata adentro, ou então amassando objetos.

■ ■ ■

As tentativas de aproximação não foram respondidas apenas com esses gestos. Houve, também, ataques aos postos, o último dos quais no dia 12 de julho do ano passado. Uma verdadeira chuva de flechadas caiu sobre o acampamento, ferindo dois homens brancos. Decidiu-se, então, reforçar-se os brindes nos tapiris e levantar-se uma torre de observação com um holofote. Instituiu-se, também, a vigília noturna de três homens. Pela primeira vez na história da Frente um posto foi mantido após um ataque.

Tempos depois, os índios voltaram a visitar os postos, desta vez pegando os brindes (entre os quais rapadura, por sugestão de Karayvah, índio txicão que acompanha a atração como intérprete). O fato se repetiu. Até que os araras resolveram retribuir: dependurados em barbante e cipó, do mesmo modo como encontraram alguns brindes, os índios deixaram ali um jabuti, cinco diademas de festa (em palha de babaçu) e duas tabocas, interpretadas como pedido de flautas semelhantes à de bambu que os brancos haviam incluído entre os brindes.

Foi a primeira manifestação de não hostilidade, por parte dos araras, em mais de um século de tentativas feitas pelo homem civilizado. As relações desse tipo — simbólica e amistosamente — prosseguiram até o começo do ano. Por fim, no dia 2 do mês passado, pela primeira vez alguns araras se aproximaram dos homens brancos (os cinco adultos e o menino) e receberam de suas mãos ferramentas e farinha. Foram embora e voltaram mais tarde, trazendo um porco assado, dois jabutis e alguns frutos silvestres, além de uma taboca de água com mel. Levaram facas, panelas, redes e muita farinha.

O encontro foi amistoso, cercado de sorrisos e falas traduzidas por Karayvah. O menino, Uaktó, chutou bola alegremente. Vestiu uma camiseta. Os homens que o acompanhavam seguraram seus facões, olharam o acampamento, posaram todos para fotos. Depois disso, continuaram voltando todos os dias. Desconfiados, ainda, mas amistosos.